

Editorial

Aline Van Langendonck é a artista convidada a colaborar com o ensaio gráfico da edição de número 39 da revista *Ars*. Uma sucessão de planos, a começar da capa, envolve os leitores numa paisagem cromática, a estender-se por superfícies de vermelho intenso, potencializadas por campos cromáticos verdes. Fragmentos de texto aludem a um rio, personagem central da narrativa de Aline nessa sequência de pinturas atravessadas por vagas que ora irrompem, desordenadas, ora se esgueiram e silenciam na distância, dispersando-nos pelas beiras da pintura-página.

Janaína Nagata Otoch, no artigo que introduz esta edição, propõe uma incursão meticulosa pela mais clássica bibliografia modernista sobre a obra de Picasso – com o foco voltado à emblemática pintura *Les Femmes d'Alger (O Jovem Orelan)*, celebrada como obra inaugural do cubismo e da própria arte moderna por muitos dos historiadores comentados pela pesquisadora. Janaína expõe os essencialismos, preconceitos de raça e gênero engastados entre os autores mais refinados dessa bibliografia, e o faz confrontando-os com historiadoras da arte feministas, representantes centrais da extraordinária renovação que começara a transformar radicalmente a disciplina a partir da década de 1970. Examinando essa nova geração de especialistas com o mesmo ânimo crítico que endereçara aos nomes mais emblemáticos da bibliografia modernista tradicional, Janaína observa a abordagem às vezes reducionista da militância feminista no campo da história da arte. O ensaio traz contribuição relevante ao estatuto problemático do nu feminino na arte moderna, *Les Femmes d'Alger (O Jovem Orelan)* sendo, como assinala Janaína, um dos cenários mais dramáticos de aparecimento do corpo feminino na arte do século XX.

A indagação sobre a representação do corpo está, também, presente no artigo seguinte, “Lições de anatomia: do corpo eterno à eternidade do corpo”. A partir da discussão do trabalho do anatomista alemão Gunther Von Hagens, que em 1970 introduziu a técnica de preservação biológica de tecidos conhecida como plastinação, Ricardo Coelho traça, neste artigo, um breve percurso histórico das relações entre a prática do desenho artístico e do desenho de anatomia, argumentando que as mudanças na percepção do corpo nas artes visuais sempre estiveram imiscuídas às representações do corpo em outras esferas, “sociais, políticas, religiosas, jurídicas, médicas, científicas e sexuais”.

O texto de Fernando Gerheim interpela os modos como imagem e palavra se entrelaçam nas produções de artistas associados ao Concretismo, Neoconcretismo e à Nova Objetividade Brasileira; o autor apresenta a ideia de participação semântica, elaborada por Hélio Oiticica em 1967, analisando a presença da palavra nos penetráveis e parangolés do artista, que para Gerheim eram também operações poéticas que resistiam às constrictões da subjetividade, tal como aquelas impostas pelo regime ditatorial vigente no Brasil. No artigo que se segue, a retomada democrática na Argentina é o pano de fundo histórico da investigação de Alejandra Soledad González sobre os impactos que a Feira de Arte de Córdoba

provocou na cena cultural da cidade, em 1986, ao exibir de modo “pluridisciplinar” artes plásticas, teatro e música.

Thiago Reis percorre a obra de Vilém Flusser em busca das diversas acepções de arte e de criação artística, terminando por delinear uma apresentação concisa da teoria estética flusseriana na qual o leitor vislumbra como o filósofo compreendeu a inserção dos aparatos técnicos, como a fotografia, no fazer artístico. A fotografia é o objeto central do artigo de Fábio Luiz Oliveira Gatti, “Por mais tempo afogado: considerações sobre *Le Noyé*, de Bayard”, que apresenta um painel com 27 imagens baseado no conceito warburguiano de *Pathosformeln*, partindo da análise da prática fotográfica de Hippolyte Bayard e da criação ficcional suscitada pela série *Le Noyé*, de 1840, na qual o artista francês forja o registro de sua morte por afogamento.

Em “Brasília contemporânea: ambiguidades e contradições da cidade vistas pelas lentes do cinema”, Liz da Costa Sandoval, Rogério Rezende e Luciana Sabóia Fonseca Cruz discutem, como o título enfatiza, os descompassos entre o projeto urbanístico da capital e a realidade político-social vivida pelos seus habitantes; a reflexão procede por meio da análise de filmes realizados pela primeira geração de cineastas brasileiros, cujas produções revelam imagens e modos de vida que escaparam ao projeto de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. O cinema como veículo de construção de uma autoimagem também é o assunto de “O cinema-caracol de Luis Tróchez Tunubalá: uma câmera Misak contra o(s) colonialismo(s)”. Nesse estudo, Marcos Aurélio Felipe examina a produção cinematográfica colombiana dedicada aos povos originários do país e se detém na discussão dos recursos poéticos mobilizados em *Na Misak*, obra do cineasta Luis Tróchez Tunubalá, em sua busca por uma identidade indígena urbana.

Em sua seção dedicada à tradução de textos que possam contribuir para enriquecer o debate brasileiro de arte e cultura, *Ars* traz três escritos da artista e ativista alemã Hito Steyerl: “Vamos falar de fascismo”, “A internet está morta?” e “Arte *Duty Free*”. Selecionados e traduzidos pelos participantes do grupo de pesquisa *Depois do fim da arte*, coordenado pela artista Dora Longo Bahia junto ao Departamento de Artes Plásticas da ECA, os ensaios discutem a mediação cada vez mais percuciente da internet na vida cotidiana e denunciam como o capital, em sua fase de máxima fluidez, é capaz de replicar fisicamente estruturas presentes em ambientes virtuais.

A edição encerra com a segunda convocatória do projeto *Diálogos com a Graduação*, iniciativa da *Ars* e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais que visa incentivar os laços entre a Pós-Graduação e a Graduação em universidades brasileiras e contribuir para o surgimento de jovens talentos teóricos na área de artes, no nível inicial da carreira acadêmica. Por meio da seleção e publicação de artigos elaborados a partir de pesquisas de Iniciação Científica ou de monografias apresentadas como trabalhos finais em disciplinas de graduação, a revista abre espaço para que estudantes exercitem métodos e práticas envolvidos na produção e publicação científicas e confrontem as principais linhas de força do debate contemporâneo de arte.

O edital completo pode ser consultado ao final deste volume da revista ou no site da *Ars* (<https://www.revistas.usp.br/ars/dialogos>).